

26 NOV 1991

Abaixo os heterodoxos

ESTADO DE SÃO PAULO

JOÃO MELLÃO NETO.

força de leis, decretos e sanções.

Trinta dias após a edição do Plano Collor, tive a oportunidade de conversar com a ex-ministra Zélia Cardoso de Mello. Eram momentos difíceis para a pregação das idéias liberais e não intervencionistas. Por isso, vale a pena reproduzir aqui o diálogo:



— Ministra, o seqüestro da poupança está feito, vocês acreditam piamente que pode dar certo. Mas não seria o caso, agora, de se propor uma emenda à Constituição proibindo o governo de realizar novamente choques desse tipo?

— E qual a vantagem disso?

— As expectativas, ministra. Enquanto o brasileiro achar que pode haver novo confisco, no futuro, ele nunca mais aplicará seu dinheiro no mercado financeiro. A moeda é o principal elo de credibilidade entre o Estado e o povo.

— As expectativas não me interessam. Basta que não haja mais inflação e todo mundo volta a confiar na moeda.

— E se a inflação não acabar? O que gera inflação não é o nível torneira. Vocês esvaziaram a banheira, mas ainda não conseguiram fechar a torneira, ou seja, o déficit público.

— As reformas patrimoniais do Estado, o enxugamento das despesas, as privatizações, a suspensão provisória do pagamento de juros da dívida interna, tudo isso fará com que o déficit termine.

— Desculpe a insolência, ministra, mas o que é possível fazer por decreto é fácil. Duro é controlar as despesas depois, o que exige uma luta diária e desgastante com a burocracia e o corporativismo dos cartéis públicos e privados.

— Não se preocupe, nós sabemos o que estamos fazendo!

— Mas, ministra...

Não adiantava. Ela havia cortado a conversa.

Sai de lá convicto de que encontrará um novo Dilson Funaro, só que de saias. Voluntarista ao extremo, acreditava realmente que a economia não se administra pelas expectativas, mas sim por

Minhas preocupações, infelizmente, se concretizaram. Trabalhei num grande banco e sei que o sistema financeiro vive tão-somente de expectativas e credibilidade. Espalhe-se o boato de que um banco vai quebrar e o próprio boato faz com que o banco quebre de fato. Todo mundo corre para retirar o seu dinheiro e, como nenhuma instituição financeira possui reservas para tanto (afinal o dinheiro está aplicado), o banco vai à bancarrota. A economia de um país segue o mesmo ritual. Se todos acreditam nas regras do jogo, todos se adaptam a elas. Mas se, porventura, existe a desconfiança de que as regras podem ser traumáticamente mudadas, todos tratam de especular. A expectativa de um congelamento faz com que todos remarquem os preços preventivamente. A inflação estoura e o governo é obrigado, realmente, a promover um congelamento. O medo de um novo confisco faz com que todos fujam das aplicações financeiras, o que obriga o governo a aumentar as taxas de juros para atrair capitais e, com isso, gera mais inflação. Economia não tem muitos mistérios. Além dos conceitos óbvios que todos aprendem, intuitivamente, em casa — não gaste mais do que ganha, evite se endividar em excesso, faça poupança para investir no seu futuro —, existe outro capítulo que diz respeito à administração do seu conceito perante o próximo: seja um bom pagador, não trapaceie, honre seus compromissos, tenha crédito na praça, etc.

No Brasil, a geração de economistas "heterodoxos", lastreados numa visão surrealista do mercado, ousou desobedecer a todos esses preceitos. A década perdida se iniciou, na verdade, em 1986, com o Plano Cruzado e os posteriores congelamentos, moratórias, confiscos, trapaça nos índices, etc. Estamos pagando o preço de tanta imprudência e insensatez. Ninguém investe, o dinheiro de fora não entra, o de dentro quer sair. Inflação, recessão, desalento.

Vamos aprender a lição: em caso de dúvida, não adianta usar um martelo maior...

■ João Mellão Neto, jornalista, é deputado federal (PL-SP)